



**LIEV
TOLSTÓI
CONTOS
COMPLETOS**

TRADUÇÃO REVISTA, APRESENTAÇÃO E POSFÁCIO
Rubens Figueiredo

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da tradução © 2018 by Rubens Figueiredo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico

Kiko Farkas e Ana Lobo/ Máquina Estúdio

Ilustração de capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Crédito da guarda

Manuscritos de Liev Tolstói dos contos: "Sebastopol em agosto", "Albert", "O diabo", "Aliocha Gorchok", "O que vi num sonho" e "Sem querer". Tomos 4, 5, 27, 36 e 38 das *Obras Completas* em 90 volumes. Moscou: Editora estatal de literatura artística, 1935-6.

Revisão

Ana Maria Barbosa

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tolstói, Leon, 1828-1910

Contos completos / Liev Tolstói; tradução revista,
apresentação e posfácio Rubens Figueiredo. –
1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

ISBN 978-85-359-3169-3

1. Contos russos I. Figueiredo, Rubens

II. Título

18-19873

CDD-891.73

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura russa 891.73

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB – 8/7964

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

**CONTOS
COMPLETOS
VOLUME UM**

Volume 1

Apresentação – Rubens Figueiredo 14

PRIMEIROS CONTOS

	A incursão	20
Memórias de um marcador de pontos de bilhar		44
	A derrubada da floresta	60
	Sebastopol no mês de dezembro	93
	Sebastopol em maio	106
	Sebastopol em agosto de 1855	146
	A nevasca	202
	Dois hussardos	228
	Das memórias do Cáucaso	280
	Manhã de um senhor de terras	303
	Das memórias do príncipe D. Nekhlíúdiv	349
	Albert	370
	Três mortes	394
	Polikuchka	406

CONTOS POPULARES (DÉCADA DE 1880)

	Do que vivem os homens?	458
	Os dois irmãos e o ouro	477
	Iliás	479
	Onde está o amor, está Deus	483
	Fogo aceso não se apaga	492
	O Diabo insiste, mas Deus resiste	504
	Meninas são mais inteligentes do que velhos	506
	Um grão do tamanho de um ovo de galinha	508

De quanta terra precisa um homem	510
O pecador arrependido	522
Dois velhos	524
Os três eremitas	541
A velinha	547
Conto sobre Ivan Bobo e seus dois irmãos: Semion Guerreiro e Tarás Barrigudo, e sobre a irmã muda Malânia, o Diabo Velho e os três capetinhas	554
Como um capetinha resgatou um pedaço de pão	577
O afilhado	579
O trabalhador Emelian e o tambor vazio	594

Volume 2

CONTOS DA NOVA CARTILHA

Os três ursos	16
Como o tio Semion contou o que aconteceu com ele na floresta	17
A vaca	19
Filipok	20

PRIMEIRO LIVRO RUSSO DE LEITURA

A formiga e o pombo	24
O cego e o surdo	24
A tartaruga e a águia	25
A criança abandonada	25
A cabeça e o rabo da cobra	26
A pedra	26
Os esquimós	27
O furão	28
Como a titia contou de que modo aprendeu a costurar	28
Linhas finas	29
Da velocidade vem a força	29
O leão e o camundongo	30
Cachorros bombeiros	30
O macaco	31
Como um menino contou que não o levaram para a cidade	31

	O mentiroso	32
Como consertaram uma casa na cidade de Paris		33
	O burro e o cavalo	33
Como um menino contou que uma		
tempestade o apanhou de surpresa na floresta		34
	A gralha e os pombos	34
	O mujique e os pepinos	35
	A mulher e a galinha	35
	O velho avô e o netinho	36
	A divisão da herança	36
	Para onde vai a água do mar?	37
	O leão, o urso e a raposa	37
Como um menino contou		
que achou abelhas-rainhas para seu avô		38
	O cachorro, o galo e a raposa	39
	O mar	39
	O cavalo e o cavaliço	40
	O incêndio	40
	A rã e o leão	41
	O elefante	42
	O macaco e a ervilha	42
Como um menino contou que		
parou de ter medo de mendigos cegos		43
	A vaca leiteira	43
A imperatriz chinesa Si-Lin-Tchi		44
	A libélula e as formigas	44
	A menina-camundongo	45
	A galinha dos ovos de ouro	46
	Lipúniuchka	46
	O lobo e a velha	48
	O gatinho	48
	O filho sábio	49
Como os habitantes de Bucara		
aprenderam a cuidar dos bichos-da-seda		50
	O mujique e o cavalo	51
Como a titia contou para a vovó		
que o bandido Emelka Pugatchóv		
lhe deu uma moeda de dez rublos		51
	O vizir Abdul	54
Como um ladrão denunciou a si mesmo		54
	O fardo	55
	O carço	56

Os dois mercadores	56
O cachorro de São Gotardo	57
Conto em que um mujique	
explica por que gosta do irmão mais velho	58
Como matei uma lebre pela primeira vez	59
O pequeno polegar	61

SEGUNDO LIVRO RUSSO DE LEITURA

A menina e os cogumelos	66
O burro em pele de leão	67
O que é o orvalho na grama	67
A galinha e a andorinha	68
O indiano e o inglês	68
O cervo e o filhote	69
O colete	69
A raposa e as uvas	70
A sorte	70
As trabalhadoras e o galo	71
O moto-contínuo	71
O pescador e o peixinho	72
O tato e a visão	73
A raposa e o bode	73
Como um mujique removeu uma pedra	74
O cachorro e sua sombra	74
Chat e Don	75
A garça e a cegonha	75
Sudoma	76
O jardineiro e seus filhos	77
O lobo e a garça	77
A coruja e a lebre	78
A águia	78
O pato e a lua	79
O urso na carroça	80
O lobo empoeirado	80
O salgueiro	81
O rato embaixo do celeiro	82
Como os lobos ensinam seus filhos	83
As lebres e as rãs	83
Como a titia contou que tinha	
um pardal ensinado, o Espoleta	84
Três broas e um biscoito	85

Mil moedas de ouro	86
Pedro I e o mujique	87
O cachorro louco	88
Dois cavalos	89
O leão e o cachorro	90
A herança igual	91
Os três ladrões	92
O pai e os filhos	93
Por que existe o vento?	93
Para que existe o vento?	94
As melhores peras do mundo	95
Volga e Vazuza	96
O bezerro sobre o gelo	97
A princesa de cabelos dourados	97
O falcão e o galo	99
O calor	99
Os chacais e o elefante	101
O magneto	102
A garça, os peixes e o caranguejo	103
Como o titio contou	
de que jeito ele andava a cavalo	104
O ouriço e a lebre	106
Os dois irmãos	107
O espírito da água e a pérola	109
A cobra	109
O pardal e a andorinha	111
Cambises e Psamético	112
O tubarão	113
Por que existe o orvalho e as janelas ficam suadas?	115
O bispo e o bandido	116
Ermak	118

TERCEIRO LIVRO RUSSO DE LEITURA

O rei e o falcão	126
A raposa	126
Um castigo severo	127
O burro selvagem e o burro domesticado	127
A lebre e o cão de caça	128
O cervo	128
As lebres	129
O cachorro e o lobo	130

Os irmãos do rei	130
O cego e o leite	131
A lebre	131
O lobo e o arco	133
Como o mujique dividiu o ganso	133
O mosquito e o leão	134
As macieiras	135
O cavalo e o dono	136
Os percevejos	137
O velho e a morte	137
Como os gansos salvaram Roma	138
Por que as árvores estalam no frio?	139
A umidade	139
A união diferente das partículas	141
O leão e a raposa	141
O juiz justo	142
O cervo e o vinhedo	144
O filho do rei e seus camaradas	145
A gralhazinha	147
Como aprendi a andar a cavalo	148
O machado e o serrote	150
Vida de mulher de soldado	151
O gato e os ratos	157
O gelo, a água e o vapor	157
A codorna e seus filhotes	159
Bulka	160
Bulka e o javali	161
Os faisões	162
Milton e Bulka	164
A tartaruga	165
Bulka e o lobo	166
O que aconteceu com Bulka em Piatigorsk	167
O fim de Bulka e Milton	169
Os pássaros e as redes	170
O olfato	171
Os cachorros e o cozinheiro	172
A fundação de Roma	173
Deus vê a verdade, mas custa a revelar	175
Os cristais	181
O lobo e a cabra	183
Polícrates de Samos	183

QUARTO LIVRO RUSSO DE LEITURA

O rei e a camisa	188
O caniço e a oliveira	188
O lobo e o mujique	189
Dois camaradas	191
O pulo	191
O carvalho e a avelaneira	193
O ar venenoso	194
Ar venenoso	195
O lobo e o cordeiro	196
O peso específico	197
O leão, o lobo e a raposa	198
A roupa nova do rei	199
O rabo da raposa	199
O bicho-da-seda	200
O rei e os elefantes	203
A caça é pior que a escravidão	204
A galinha choca e os pintinhos	211
Gases	211
Gases	213
O leão, o burro e a raposa	214
O velho choupo	214
O azereiro	215
Como as árvores caminham	216
O codornizão e sua fêmea	217
Como se fazem balões de ar	218
Conto de um aeronauta	219
A vaca e o bode	221
O corvo e os filhotes de corvo	221
Sol é calor	222
Por que existe o mal no mundo	224
Galvanismo	226
O mujique e o espírito da água	228
O corvo e a raposa	229
O prisioneiro do Cáucaso	229

ÚLTIMOS CONTOS

Kholstomier	254
Os três filhos	287
A cafeteria de Surat	290

	O diabo	296
	Variante do fim do conto “O diabo”	336
	Françoise	338
	Custa caro	345
	O karma	349
	Três parábolas	358
	O patrão e o trabalhador	366
	A destruição do inferno e sua reconstrução	408
	Depois do baile	424
	O rei assírio Assarhaddon	433
	O cupom falsificado	437
	Aliocha Gorchok	493
	Kornei Vassíliev	498
	Morangos	513
	Memórias póstumas do <i>stárets</i> Fiódor Kuzmitch	523
	Padre Vassíli	541
	Para quê?	548
	O divino e o humano	570
	O que vi num sonho	602
	Gente pobre	613
	A força da infância	616
	O lobo	619
	Conversa com um passante	620
	Kriôkchino	622
	Iásnaia Poliana	626
	Khodinka	643
	Sem querer	650
	Quem deve aprender com quem a escrever: as crianças camponesas conosco ou nós com as crianças camponesas? – Liev Tolstói	654
	Quem traduz o quê, no título de um conto de Tolstói? – Rubens Figueiredo	676
	Sobre o autor	678
	Sugestões de leitura	681
	Índice de contos	684



**PRIMEIROS
CONTOS**

A INCURSÃO

(CONTO DE UM VOLUNTÁRIO)

I

No dia 12 de julho, o capitão Khlópov, de dragonas e sabre – desde minha chegada ao Cáucaso, eu nunca o tinha visto em tal indumentária –, entrou em meu abrigo escavado na terra.

– Acabei de falar com o coronel – disse ele, em resposta ao olhar interrogativo com que o recebi. – Amanhã nosso batalhão vai partir.

– Para onde? – perguntei.

– Para NN... É lá que devem se concentrar as tropas.

– E com certeza a partir de lá começará algum deslocamento.

– Deve ser.

– Mas para onde? O que acha?

– O que vou achar? Já disse o que sei. Ontem à noite chegou um tártaro¹ da parte do general, trouxe a ordem para o batalhão partir e levar mantimentos para dois dias. Mas para onde, para quê, por quanto tempo? Isso, meu caro, não disseram: ordenaram marchar, e só.

– No entanto, se só vamos levar mantimentos para dois dias, quer dizer que as tropas não vão se demorar mais do que isso.

– Bem, isso não quer dizer nada...

– Como não? – perguntei com surpresa.

– Ora! Quando fomos para Dargo,² levamos mantimentos para uma semana, mas ficamos lá quase um mês!

– E eu posso ir com vocês? – perguntei, depois de pensar um pouco.

– Poder, pode, mas meu conselho é que é melhor não ir. Para que se arriscar?

– Mesmo assim, permita que eu não siga seu conselho; estou aqui há um mês inteiro, só esperando uma ocasião de presenciar um combate, e você agora quer que eu deixe passar a oportunidade.

– Então vá; mas, sinceramente, será que não é melhor permanecer aqui?

1 Os russos chamavam de tártaros os montanheseiros do norte do Cáucaso, de religião muçulmana. [Todas as notas são do tradutor, exceto quando indicado de outro modo.]

2 Povoado na Tchetchénia, onde residia Chamil, o líder da luta dos muçulmanos do norte do Cáucaso contra o Império Russo, e onde, na década de 1840, ele construiu um depósito de mantimentos e de munição.

Ficaria caçando, à nossa espera; e nós iríamos com a ajuda de Deus. E estaria tudo ótimo! – disse num tom de voz tão persuasivo que, no primeiro instante, de fato me pareceu que seria mesmo ótimo; no entanto falei, resoluto, que não ia ficar de jeito nenhum. – E o que o senhor vai ver lá? – continuou o capitão, tentando me convencer. – Quer saber o que acontece numa batalha? Então leia *Descrição da guerra*, de Mikhailóvski-Danilévski. É um livro excelente: nele, tudo é descrito em detalhes. Onde se posiciona cada tropa e como transcorrem as batalhas.

– Ao contrário, é exatamente isso que não me interessa – expliquei.

– Mas então o que quer? Por acaso deseja simplesmente ver como as pessoas matam?... Olhe, em 1832 estive aqui um voluntário, um espanhol, parece. Fez duas campanhas conosco, usava uma capa azul... mas logo mataram o rapaz. Aqui, meu caro, ninguém se espanta com nada.

Por mais que me envergonhasse o mau entendimento que o capitão tinha de minha intenção, não tentei dissuadi-lo.

– E ele era corajoso? – perguntei.

– Deus é testemunha: ia sempre na frente; onde houvesse luta, lá estava ele.

– Então parece que era corajoso mesmo – disse eu.

– Não, meter-se onde não é chamado não quer dizer que seja corajoso...

– E o que o senhor entende por corajoso?

– Corajoso? Corajoso? – repetiu o capitão, com o ar de uma pessoa que, pela primeira vez, se faz tal pergunta. – Corajoso é aquele que se comporta como deve – respondeu, depois de pensar um pouco.

Lembrei que Platão define coragem como o conhecimento do que é preciso e não é preciso temer, e apesar da generalidade e da vagueza da definição do capitão, achei que a ideia fundamental de ambos não era tão diferente como podia parecer e que a definição do capitão era até mais correta do que a do filósofo grego, porque, se ele pudesse se expressar como Platão, certamente diria que o corajoso é aquele que teme apenas aquilo que é preciso temer, e não o que não é preciso temer.

Senti vontade de explicar minha ideia ao capitão.

– Sim – disse eu. – Parece-me que em toda situação de perigo há uma escolha, e a escolha feita sob a influência, por exemplo, do sentimento de dever é coragem, e a escolha feita sob a influência de um sentimento baixo é covardia; por isso um homem que, por vaidade, ou por curiosidade, ou por cobiça, arrisca a própria vida não pode ser chamado de corajoso e, ao contrário, um homem que, sob a influência de um puro sentimento familiar de responsabilidade ou simplesmente de crença, renuncia a um perigo não pode ser chamado de covarde.

O capitão fitou-me com uma expressão estranha, enquanto eu falava.

– Isso eu não sei dizer – respondeu, enchendo o cachimbo. – Mas temos aqui um *junker*³ que gosta de filosofar assim. Vá conversar com ele. Também escreve poemas.

Só conheci o capitão no Cáucaso, mas já tinha ouvido falar dele na Rússia. Sua mãe, Mária Ivánovna Khlópova, esposa de um senhor de terras da pequena nobreza, mora a duas verstas⁴ da minha propriedade. Antes de minha partida para o Cáucaso, estive em sua casa: a velhinha ficou muito contente porque eu ia ver o seu Páchenka (como ela chamava o velho e grisalho capitão) e porque – uma carta viva – eu poderia falar com ele acerca do cotidiano da mãe e lhe entregar uma encomenda. Depois de me alimentar com uma excelente torta de frutas e fatias de peixe seco, Mária Ivánovna foi para o quarto e voltou de lá com um escapulário preto e bem grande, preso a uma fitinha de seda também preta.

– Tome esta Nossa Senhora Protetora feita de madeira de sarça ardente – disse ela, depois de beijar um crucifixo e a imagem da Mãe de Deus e colocar na minha mão. – Faça a bondade de entregar-lhe isto. Veja: quando ele foi para o Cáucaso, mandei rezar uma missa e fiz a promessa de que, se ele ficasse vivo e a salvo, ia mandar fazer este santinho da Mãe de Deus. Já faz dezoito anos que a Protetora e os santos têm piedade dele: não foi ferido nem uma vez e parece que esteve em batalhas que nem lhe conto!... Quando Mikhailo, que esteve com ele, me contou, fiquei de cabelo em pé! Pois o que sei sobre ele é só por intermédio dos outros: ele, o meu queridinho, não me escreve nada sobre suas campanhas... tem medo de me assustar.

(Já no Cáucaso fiquei sabendo, mas não pelo próprio capitão, que ele fora ferido com gravidade quatro vezes e, é óbvio, assim como nada escrevera à mãe sobre as campanhas, tampouco havia contado sobre os ferimentos.)

– Portanto agora ele deve levar sempre consigo essa imagem santa – prosseguiu ela. – Dou a ele minha bênção. A Santíssima Protetora irá protegê-lo! Ele tem de levá-la sempre consigo, sobretudo nas batalhas. Diga para ele, meu caro, que isso é uma ordem de sua mãe.

Prometi cumprir a missão ao pé da letra.

– Sei que o senhor vai gostar do meu Páchenka – continuou a velha. – É tão simpático! Acredite, não se passa um ano sem que me mande dinheiro, e Ánnuchka, minha filha, ela também ajuda muito; e tudo isso só com seu salário! É verdade, vou dar graças a Deus durante cem anos – concluiu com lágrimas nos olhos – por ter me concedido tais filhos.

– Ele escreve para a senhora com frequência? – perguntei.

3 Oficial cadete, oriundo de família nobre, formado na academia militar.

4 Versta: medida russa, equivalente a 1,06 km.

– Raramente, meu caro: mais ou menos uma vez por ano, só quando manda dinheiro escreve umas palavrinhas. Diz assim: “Mãezinha, se lhe escrevo, quer dizer que estou bem de saúde, pois se algo acontecer, que Deus não permita, os outros vão lhe escrever”.

Quando entreguei ao capitão a encomenda da mãe (isso aconteceu em meu alojamento), ele pediu papel de embrulho, envolveu o santinho com firmeza e escondeu. Contei a ele muitos detalhes da vida de sua mãe; o capitão escutou calado. Quando terminei, recuou para um canto e ficou muito tempo fumando o cachimbo.

– Sim, é uma velha excelente – disse ele com a voz um pouco abafada. – Deus permita que ainda nos vejamos.

Naquelas palavras simples se exprimia muito mais do que amor e pena.

– Para que o senhor está servindo aqui? – perguntei.

– É preciso trabalhar – respondeu com convicção. – E um salário dobrado para nosso irmão, homem pobre, significa muito.

O capitão vivia de modo frugal: não jogava cartas, raramente ia para alguma farra e fumava tabaco puro, que ele, por razão desconhecida, não chamava de fumo, mas de “tabaco feito em casa”. Antes mesmo disso, eu já havia simpatizado com o capitão: tinha uma dessas fisionomias russas tranquilas e leves, agradáveis de olhar direto nos olhos; mas depois dessa conversa passei a sentir por ele um respeito sincero.

II

Às quatro horas da madrugada do dia seguinte, o capitão veio ao meu encontro. Estava com uma sobrecasaca velha, surrada, sem dragonas, calça larga e lezguiana,⁵ gorro alto e branco, uma pele de carneiro amarelada e gasta e um sabre asiático a tiracolo. O *machtak*⁶ branquinho no qual vinha montado tinha a cabeça arriada, passinho curto e a todo instante sacudia a cauda ralinha. Apesar de o aspecto do bondoso capitão ser não só pouco marcial como também bonito, exprimia tanta indiferença por tudo à sua volta que não podia deixar de inspirar respeito.

Não o fiz esperar nem um minuto, montei prontamente em meu cavalo e partimos juntos pelo portão da fortaleza.

⁵ Os lezguianos são um grupo étnico do Cáucaso.

⁶ Na língua do Cáucaso, cavalo pequeno. (N.A.)

O batalhão já estava a duzentas *sájeni*⁷ à nossa frente e parecia uma contínua massa preta e ondulante. Dava para adivinhar que era a infantaria, só porque, como densos espinhos compridos, sobressaíam as baionetas e, de vez em quando, chegavam aos ouvidos sons das canções dos soldados, do tambor e uma bela voz de tenor, a segunda voz da sexta companhia, que mais de uma vez me havia deleitado na fortaleza. A estrada passava no meio de um desfiladeiro profundo e largo, na beira de um riacho que, naquela ocasião, como dizem, jogava, quer dizer, havia transbordado. Um bando de pombos selvagens circulava em torno dele: ora pousavam nas pedras da margem, ora, rodando no ar e fazendo círculos ligeiros, voavam e sumiam de vista. O sol ainda não estava visível, mas o ponto mais alto do lado direito do desfiladeiro começava a se iluminar. Pedras cinzentas e esbranquiçadas, musgo verde-amarelado, arbustos orvalhados de espinheiras, cornisos e olmos se destacavam com relevo e nitidez extraordinários na luz dourada e transparente do ar; em compensação o outro lado e o vale, cobertos por uma densa neblina, que ondulava em camadas fumacentas e irregulares, estavam cinzentos, sombrios e exibiam uma ambígua mescla de cores: lilás-claro, quase preto, dourado-escuro e branco. Bem à nossa frente, no escuro azul-celeste do horizonte, com uma nitidez espantosa, viam-se as massas brancas e opacas das montanhas nevadas, com suas sombras e contornos fantásticos, mas distintos nos mínimos detalhes. Cigarras, libélulas e milhares de outros insetos haviam despertado no capim alto e enchiam o ar com seus sons claros e ininterruptos: parecia que uma incalculável quantidade de diminutas campainhas ressoava junto aos ouvidos. O ar tinha cheiro de água, capim, nevoeiro – em suma, tinha o cheiro de uma linda manhã de verão. O capitão fez fogo e começou a fumar o cachimbo; o cheiro do tabaco feito em casa e de mecha inflamável pareceu-me extraordinariamente agradável.

Seguíamos a cavalo por um atalho, a fim de alcançar a infantaria mais depressa. O capitão se mostrava mais pensativo do que o habitual, não tirava da boca o cachimbinho do Daguestão e, a cada passo, batia com os calcanhares no flanco de seu cavalinho, que, oscilando de um lado para o outro, abria um rastro verde-escuro quase imperceptível no capim alto e molhado. Bem embaixo das patas do cavalo, com o grito e o barulho de asas que obrigam o caçador a parar com um sobressalto, um faisão voou e, lentamente, subiu no ar. O capitão não lhe deu a menor atenção.

Havíamos quase alcançado o batalhão, quando atrás de nós ouviu-se o tropel de um cavalo e, no mesmo instante, passou a galope um jovem bonito numa so-

7 *Sájen*: antiga medida russa, equivalente a 2,13 m (aproximadamente uma braça).

brecasaca de oficial e com um gorro alto de pelo branco. Ao nos alcançar, sorriu, fez uma saudação com a cabeça para o capitão e brandiu o chicote. Tive tempo de perceber apenas que se sentava sobre a sela e segurava as rédeas de forma especialmente graciosa e que tinha belos olhos negros, narizinho fino e um bigodinho que mal despontava. Agradou-me nele, em especial, o fato de que não pôde deixar de sorrir ao notar que o admirávamos. Só por aquele sorriso era possível concluir que era muito jovem.

– Para onde será que está indo? – resmungou o capitão com ar descontente, sem tirar o cachimbo da boca.

– Quem é esse? – perguntei.

– O alferes Alánin, oficial subalterno da minha companhia... Chegou da Academia no mês passado.

– Então é a primeira vez que vai para um combate? – perguntei.

– Por isso está tão contente! – respondeu o capitão, balançando a cabeça com ar pensativo. – A juventude!

– Mas também, como não se alegrar? Entendo que, para um jovem oficial, isso deve ser mesmo muito interessante.

O capitão ficou calado por um ou dois minutos.

– É o que eu digo: a juventude! – prosseguiu com voz de baixo. – Fica alegre porque ainda não viu nada! Depois que a gente participa de muitas campanhas, não fica mais alegre. Veja, vamos supor, hoje somos vinte oficiais: algum será morto ou ferido, isso é seguro. Hoje sou eu, amanhã será ele, depois de amanhã, outro: então para que se alegrar?

III

Mal o sol radiante surgiu de trás da montanha e passou a iluminar o vale por onde seguíamos, as nuvens ondulantes de neblina se dispersaram e começou a fazer calor. Os soldados, com fuzil e mochila nos ombros, andavam devagar pela estrada poeirenta; nas fileiras, ouviam-se de vez em quando expressões de dialetos da Pequena Rússia⁸ e risos. Alguns soldados mais velhos, de jaqueta branca – na maioria, sargentos –, andavam com cachimbo pela margem da estrada e conversavam em tom sério. Carroções puxados por três cavalos e carregados até em cima avançavam a passo lento e levantavam uma poeira densa e imóvel. Oficiais a cavalo iam

8 Ucrânia.

na frente; outros, como dizem no Cáucaso, *djigúitovali*,⁹ ou seja, batendo com o chicote no cavalo, obrigavam-no a dar quatro pulos e freavam bruscamente, virando a cabeça para trás; outros ocupavam-se com os cantores, que, apesar do calor e do abafamento, entoavam incansavelmente uma música depois da outra.

Um cem *sájeni* à frente da infantaria, num cavalo grande e branco, com a cavalaria dos tártaros, ia um bravo conhecido no regimento por seu destemor, e esse homem, que mostrava verdade diante dos olhos de quem quer que fosse, era um oficial alto e bonito, em trajes asiáticos. Vestia casaco preto com galões dourados e trançados, perneiras no mesmo estilo, botinas novas, enfeitadas com galões, que abrigavam os pés, uma túnica amarela e um gorro de pelo alto, inclinado para trás. No peito e nas costas, havia galões prateados, nos quais estavam pendurados, nas costas, uma pistola e um porta-pólvora; outra pistola e uma adaga, numa bainha de prata, iam penduradas à cintura. Além de tudo isso, havia um sabre cingido numa bainha de couro marroquino vermelho, com galões, e um fuzil a tiracolo, dentro de uma bainha preta. Pela roupa, pela postura, pela maneira de se conduzir e por todos os movimentos em geral, via-se que ele se esforçava para parecer um tártaro. Até falava algo, numa língua que eu desconhecia, para uns tártaros que iam a cavalo com ele; porém, pelos olhares intrigados e zombeteiros que os tártaros lançavam uns para os outros, pareceu-me que não o compreendiam. Era um de nossos jovens oficiais, bravos e destemidos, formados à imagem dos personagens de Marlínski e Liérmontov.¹⁰ Essas pessoas olham o Cáucaso apenas através do prisma dos heróis do nosso tempo, de Mulla-Nur¹¹ etc., e em todos os seus atos se orientam não por suas inclinações próprias, mas pelo exemplo daqueles modelos.

O tenente, por exemplo, talvez gostasse da companhia de mulheres respeitáveis e de pessoas importantes – generais, coronéis, ajudantes de ordem –, e estou mesmo convencido de que gostava bastante desse tipo de sociedade, porque era vaidoso no mais alto grau; mas julgava ser seu dever inapelável mostrar seu lado grosseiro a todas as pessoas importantes, embora fosse grosseiro de forma totalmente comedida, e quando aparecia uma dama na fortaleza julgava ser seu dever andar embaixo da janela da mulher com seus *kúnaki*,¹² só de camisa vermelha, de botinas nos pés descalços, e berrar e xingar o mais alto que

9 *Djíguit*, na língua kumit [do Daguestão], significa corajoso; adaptado à língua russa, *djigúitovat* corresponde a “exibir coragem”. (N.A.)

10 Escritores russos da primeira metade do século XIX.

11 Herói de um conto de Marlínski. Liérmontov escreveu um romance intitulado *O herói do nosso tempo*.

12 Camaradas, na língua do Cáucaso. (N.A.)

podia – tudo isso não tanto pelo desejo de ofendê-la, mas sim para mostrar como tinha lindas pernas brancas e que ela poderia se enamorar dele à vontade, se ele mesmo o quisesse. Ou então muitas vezes, à noite, com dois ou três tártaros pacíficos, ficava na beira das estradas nas montanhas para tocaiar e matar tártaros belicosos que passassem, e embora o coração mais de uma vez lhe dissesse que naquilo nada havia de audaz, ele se julgava obrigado a fazer sofrer as pessoas com quem estava desapontado por algum motivo e a quem, pelo visto, desprezava e odiava. Nunca deixava de levar consigo duas coisas: uma enorme imagem religiosa no pescoço e uma adaga por cima da camisa, com a qual até dormia. Acreditava sinceramente ter inimigos. Persuadir-se de que devia se vingar de alguém e lavar uma ofensa com sangue era, para ele, o maior dos prazeres. Estava convencido de que os sentimentos de ódio, vingança e desprezo da espécie humana constituíam os sentimentos poéticos mais elevados. Mas sua amante – uma circassiana, é claro –, que mais tarde calhou de eu conhecer, disse que ele era o homem mais bondoso e dócil do mundo, toda noite escrevia suas anotações sombrias, mas também fazia as contas num papel quadriculado e rezava de joelhos. Sofria muito só para assumir para si mesmo a aparência daquilo que queria ser, porque seus companheiros e soldados não conseguiam entendê-lo da maneira como ele desejava. Certa vez, numa de suas expedições noturnas à estrada, com seus *kúnaki*, aconteceu de acertar uma bala na perna de um tchetcheno e tomá-lo como prisioneiro. O tchetcheno, depois disso, morou sete semanas na casa do tenente, que cuidou de seu ferimento, tratou-o como um amigo íntimo e, quando ficou de todo curado, lhe deu presentes e deixou-o ir embora. Depois disso, durante uma expedição, quando o tenente recuava numa fileira, atirando no inimigo, ouviu entre os oponentes alguém chamar seu nome, e o amigo que tempos antes ele havia ferido se adiantou a cavalo, convidando o tenente, por meio de sinais, a fazer o mesmo. O tenente foi na direção do amigo e apertou-lhe a mão. Os montanhese mantiveram-se à distância e não atiraram; mas assim que o tenente virou o cavalo para trás, alguns homens atiraram contra ele, e uma bala passou bem perto da parte baixa de suas costas. De outra vez, eu mesmo vi que à noite, na fortaleza, havia um incêndio e duas companhias de soldados tentavam apagar o fogo. No meio da multidão, iluminado pelas labaredas vermelhas do incêndio, surgiu de repente o vulto alto de um homem num cavalo preto. O vulto a cavalo abriu caminho na multidão e avançou direto para o fogo. Na beira do incêndio, o tenente desmontou do cavalo e correu para dentro da casa, que ardia numa das extremidades. Cinco minutos depois, saiu com os cabelos chamuscados e os cotovelos queimados, trazendo junto ao peito dois pombinhos que salvou das chamas.

Seu sobrenome de família era Rozenkrants; mas falava muitas vezes sobre suas origens, atribuía a si algo dos varegues¹³ e provava de maneira clara que seus ancestrais eram russos puros.

IV

O sol havia percorrido a metade de seu caminho e, através do ar ardente, lançava raios quentes sobre a terra seca. O céu azul-escuro estava completamente limpo; apenas o sopé das montanhas nevadas começava a vestir-se de nuvens brancas e lilás. Parecia que o ar imóvel estava cheio de uma poeira transparente: começara a fazer um calor insuportável. Ao chegar a um riachinho que corria na metade da estrada, a tropa fez uma parada. Os soldados baixaram os fuzis e se jogaram no riacho; o comandante do batalhão sentou-se na sombra, sobre o tambor, e, ostentando no rosto rechonchudo seu posto na hierarquia militar, sentou-se para comer um pouco, ao lado de alguns oficiais; o capitão deitou-se na grama embaixo de uma carroça da companhia; o bravo tenente Rozenkrants e mais alguns jovens oficiais, acomodando-se sobre capotes estendidos no chão, preparavam-se para uma farra, como se podia perceber pelos frascos e garrafas espalhados à sua volta e sobretudo pela animação dos cantores, que, formando um semicírculo à frente deles, tocavam com assovios uma dançante canção caucasiana, com a letra em lezguiano:

Chamil inventou de se rebelar

Faz alguns anos...

Trai-trai, ra-ta-tai...

Faz alguns anos.

Entre os oficiais estava também o jovem alferes que passara por nós de manhã. Estava muito alegre: os olhos brilhavam, a língua se enrolava um pouco; ele tinha vontade de beijar todo mundo e expressar seu amor a todos... Pobre menino! Ainda ignorava que em tal condição se pode ficar ridículo, que a franqueza e a ternura que dirigia a todos predispunham os outros não ao amor, que ele tanto queria, mas à galhofa – ignorava também que, quando ele, inflamado, se estendeu por fim sobre um capote, apoiado no cotovelo, e jogou para trás o cabelo preto e comprido, estava extraordinariamente encantador. Dois oficiais sentaram-se junto ao carroção e começaram a jogar baralho.

13 Povo viking que, no século II, se deslocou da Escandinávia para o leste e para o sul.

Escutei com curiosidade a conversa dos soldados e dos oficiais e observei com atenção as expressões na fisionomia deles; mas, decididamente, não consegui perceber nem sombra da inquietação que eu mesmo experimentava: as brincadeiras, os risos, as histórias exprimiam uma despreocupação e uma indiferença geral pelo perigo iminente. Como se fosse impossível sequer supor que alguns deles estivessem fadados a não regressar pela mesma estrada!

v

Pouco antes das sete horas da noite, cansados e cobertos de pó, entramos pelos largos portões fortificados da fortaleza de NN. O sol se punha e lançava raios enviados e cor-de-rosa nas pitorescas baterias e nos bosques de altos choupos que rodeavam a fortaleza, nos campos semeados e amarelos e nas nuvens brancas, que, aglomeradas em torno das montanhas nevadas, parecendo imitá-las, formavam uma cadeia não menos fantástica e bonita. Via-se no horizonte a lua crescente, como uma nuvem translúcida. Na aldeia situada junto aos portões da fortaleza, um tártaro em cima de um telhado chamava os fiéis para as orações; os cantores puseram-se a gorjear com novo ímpeto e energia.

Depois de descansar e me refazer um pouco, dirigi-me a um ajudante de ordens que eu conhecia a fim de pedir que explicasse ao general minha intenção. Ao sair da fortaleza de NN, parei na estrada nos arredores e vi algo que não esperava, de maneira nenhuma. Passou por mim uma bela carruagem de dois lugares, na qual vi um chapéu no rigor da moda e ouvi falarem em francês. Pela janela aberta da casa do comandante, vinham os sons da música “Lizanka” ou da “Polca de Kátienka”, tocada num piano ruim e desafinado. Numa tabernazinha pela qual passei, alguns escrivães estavam sentados diante de copos de vinho, com cigarro nas mãos, e ouvi um dizer para o outro: “Como queira... mas no que diz respeito à política, Mária Grigórievna é nossa primeira-dama”. Um judeu recurvado de aspecto doentio, num casaco surrado, arrastava um realejo quebrado e estridente e espalhava em toda a aldeia as notas do final da ópera *Lucia de Lammermoor*. Duas mulheres em vestido farfalhante, envoltas em xale de seda e com sombrinha de cores claras nas mãos, passaram ligeiras por mim, pela calçada de tábuas. Duas meninas, uma de vestido rosa, a outra de azul, ambas de cabeça descoberta, estavam sentadas num banquinho de terra e madeira junto de uma casinha baixa e davam uns risos agudos e forçados com o óbvio desejo de chamar para si a atenção dos oficiais que passavam. Os oficiais, em sobrecasaca nova, luvas brancas e galões reluzentes, se exibiam pelas ruas e bulevares.

Encontrei meu conhecido no térreo da casa do general. Assim que consegui explicar meu desejo e ele me respondeu que tal desejo poderia ser perfeitamente atendido, a pequena carruagem elegante que eu já havia notado passou com estrépito perto da janela junto à qual estávamos sentados e parou diante da varanda. Da carruagem desceu um homem de uniforme da infantaria, com dragonas de major, e entrou na casa do general.

– Ah, me perdoe, por favor – disse-me o ajudante de ordens, erguendo-se. – Tenho de avisar imediatamente o general.

– Quem foi que chegou? – perguntei.

– A condessa – respondeu e, abotoando o uniforme, subiu depressa ao primeiro andar.

Após alguns minutos, saiu para a varanda um homem baixo, mas extremamente bonito, de sobrecasaca sem dragonas, com uma cruz branca na lapela. Atrás dele, saíram o major, o ajudante de ordens e mais dois oficiais. No passo, na voz, em todos os movimentos do general, exprimia-se um homem que tinha perfeita consciência de seu elevado valor.

– *Bonsoir, madame la comtesse*¹⁴ – disse ele, estendendo a mão pela janela da carruagem.

Uma pequenina mão em luva de pele de cordeiro apertou a mão do general, e um rostinho bonito, sorridente, num chapéu amarelo, surgiu na janela da carruagem.

De toda a conversa, que se prolongou por alguns minutos, só ouvi de passagem que o general disse, sorrindo:

– *Vous savez que j'ai fait voeu de combattre les infidèles; prenez donc garde de le devenir.*¹⁵

Riram na carruagem.

– *Adieu donc, cher général.*¹⁶

– *Non, au revoir* – disse o general, pondo o pé no degrau da escadinha da varanda. – *N'oubliez pas que je m'invite pour la soirée de demain.*¹⁷

A carruagem partiu com ruído.

“Aí está um homem”, pensei, ao voltar para casa, “que tem tudo o que os rusos procuram alcançar: um posto elevado, riqueza, reputação... e esse homem que

14 “Boa tarde, senhora condessa”.

15 “A senhora sabe que jurei combater os infiéis; portanto, tome cuidado para não se tornar uma infiel”.

16 “Então, adeus, caro general”.

17 “Não, até logo”/“Não esqueça que estou convidado para o sarau de amanhã”.

está à beira de uma batalha que só Deus sabe como vai terminar troca gracejos com uma mocinha bonita e promete que irá tomar chá com ela no dia seguinte, como se a tivesse encontrado num baile!”

Na casa do mesmo ajudante de ordens, encontrei um homem que me surpreendeu ainda mais: era um jovem tenente do regimento de K., que se distinguia por sua beleza e timidez quase feminina e que tinha ido à casa do ajudante de ordens para exprimir seu desgosto e sua indignação com pessoas que, pelo visto, faziam intrigas contra ele para que não fosse indicado para lutar na batalha iminente. Disse que era sórdido comportar-se daquela forma, que não era uma conduta digna de camaradas, que ele não ia se esquecer daquilo etc. Por mais que observasse a expressão em seu rosto, por mais que escutasse com atenção o som de sua voz, não pude me deixar convencer de que ele não estava fingindo de maneira nenhuma, de que estava profundamente revoltado e aflito porque não permitiram que fosse atirar contra os circassianos e colocar-se sob a mira de seus tiros; estava agoniado como um menino que acabaram de açoitar injustamente... Eu não entendia absolutamente nada.

VI

Às dez horas da noite, as tropas deviam se pôr em marcha. Às oito e meia, montei meu cavalo e fui à casa do general; porém, supondo que ele e o ajudante de ordens estivessem ocupados, parei na rua, amarrei o cavalo na cerca e sentei no banco, para falar com o general assim que ele saísse.

O calor e o brilho do sol já haviam se transformado em noite fria, e a luz mortiça da lua crescente, que começava a baixar, formava em redor de si um pálido semicírculo luminoso no azul do céu estrelado; nas janelas das casas e nas frestas das persianas dos abrigos escavados na terra, luzes rebrilhavam. Os choupos esguios dos bosques, que se avistavam no horizonte por trás dos abrigos escavados na terra e com telhados de bambu esbranquiçados e iluminados pelo luar, pareciam ainda mais altos e escuros.

As sombras compridas das casas, das árvores, das cercas estendiam-se bonitas pela estrada clara e poeirenta... No rio, as rãs coaxavam sem parar,¹⁸ nas ruas ouviam-se ora passos afobados e conversas, ora uma certa “Aurora-Walzer”.¹⁹

18 No Cáucaso, as rãs produzem sons que nada têm em comum com o som das rãs russas. (N.A.)

19 “Valsa da aurora”.

Não vou contar no que eu estava pensando: em primeiro lugar porque me envergonha admitir os pensamentos sombrios que, numa sequência obsessiva, me perseguiam pela rua, enquanto eu só enxergava à minha volta alegria e satisfação, e em segundo lugar porque isso não tem cabimento no meu conto. Eu estava tão pensativo que nem percebi que os sinos bateram onze horas e que o general passou por mim acompanhado por uma comitiva.

Montei às pressas em meu cavalo e parti no encalço do destacamento.

A retaguarda ainda estava nos portões da fortaleza. Com dificuldade, abri caminho pela ponte atulhada de canhões, caixotes de munição, carroções dos regimentos e oficiais que davam ordens aos gritos. Depois de cruzar os portões, ultrapassei a trote as tropas que se estendiam por quase uma versta, movendo-se em silêncio no escuro, e alcancei o general. Ao passar pelos canhões da artilharia que se estendiam numa fila e pelos oficiais que iam a cavalo entre os canhões, chocou-me como uma dissonância ofensiva, no meio da harmonia festiva e serena, o som de uma voz que gritou em alemão: “Artilheiro, me dê um morrão!”, e a voz de um soldado gritou apressada: “Chevchenko! O tenente quer fogo!”.

A maior parte do céu estava encoberta por nuvens compridas, cinzentas e escuras; só aqui e ali, entre elas, brilhavam estrelas baças. A lua já havia se escondido no horizonte próximo, atrás das montanhas negras que se avistavam à direita, e lançava no topo e nos picos uma penumbra fraca e trêmula, em contraste com a sombra impenetrável que toldava o sopé das montanhas. O ar estava morno e tão escuro que nenhum capim, nenhuma nuvenzinha parecia se mexer. Estava tão escuro que mesmo a uma distância bem próxima era impossível distinguir os objetos; nas margens da estrada, eu parecia ver ora penhascos, ora animais, ora pessoas estranhas – e só reconhecia que eram arbustos depois que os ouvia farfalhar e sentia o frescor do orvalho, do qual estavam cobertos.

À minha frente, eu via uma parede preta, contínua e flutuante, atrás da qual se formava um punhado de manchas movediças: era a vanguarda da cavalaria e o general com sua comitiva. Atrás de nós, movia-se outra massa igualmente escura; mas estava mais próxima do que a primeira: era a infantaria.

Em toda a tropa reinava tamanho silêncio que se ouviam com nitidez todos os ruídos da noite, que se fundiam, repletos de uma beleza misteriosa: o queixoso e distante uivo dos chacais, semelhante ora a um pranto desesperado, ora a uma risada; o ressoante e monótono som do grilo, da rã, da codorna, um zumbido que se aproximava e cuja origem eu não conseguia explicar, e todos os movimentos noturnos da natureza, que mal se ouvem, que são impossíveis de compreender ou definir e fundem-se em um som belo e completo que chamamos de silêncio da noite. Esse silêncio era rompido, ou melhor, se fundia com o

surdo tropel de cascos e o farfalhar de capim alto, produzido pelo destacamento, que se movia lentamente.

Só de quando em quando se ouviam nas fileiras o retinir de um canhão pesado, o som de baionetas se entrecrocando, uma conversa discreta e o resfolegar de um cavalo.

A natureza respirava beleza conciliadora e força.

Como podem as pessoas viver como se não tivessem espaço neste mundo bonito, sob este céu estrelado e imensurável? Como é possível, em meio a essa natureza fascinante, persistir na alma do homem o sentimento de rancor, de vingança ou a paixão de aniquilar seus semelhantes? Parece que tudo de ruim no coração do homem deveria desaparecer em contato com a natureza – essa expressão imediata da beleza e do bem.

VII

Avançamos por mais de duas horas. Calafrios me percorriam, e o sono começou a inclinar minha cabeça. No escuro, surgiam confusamente os mesmos objetos vagos: a certa distância, a parede negra, as mesmas manchas movediças; bem perto de mim, a garupa de um cavalo branco, que, abanando a cauda, abria bastante as pernas traseiras; as costas de uma túnica circassiana branca, na qual pendia uma espingarda dentro de uma bainha preta e em que se via a coronha branca de uma pistola metida num coldre bordado; a brasa de um cigarro que iluminava o bigode castanho-claro, uma gola de pele de castor e uma mão numa luva de camurça. Eu estava curvado na direção do pescoço do cavalo, os olhos começaram a fechar, e perdi a consciência por alguns minutos; depois, de repente, um tropel e um farfalhar conhecidos me surpreenderam: olhei em redor e me pareceu que eu estava parado, que a parede negra que se encontrava à minha frente se movia em minha direção, ou que a parede havia parado e agora eu avançava em sua direção. Num desses minutos, impressionou-me com mais força ainda o zumbido ininterrupto que se aproximava, com cuja causa eu não conseguia atinar. Era o rumor da água. Havíamos entrado num profundo desfiladeiro e nos aproximávamos de um rio das montanhas que na ocasião estava em plena cheia.²⁰ O zumbido ficou mais forte, o capim cinzento se tornou mais espesso e mais alto, os arbustos se interpunham no caminho cada vez mais frequentes e o horizonte se estreitava pouco a pouco. De vez em quando, contra o fundo escuro das montanhas, luzes claras chamejavam em vários pontos e logo depois desapareciam.

20 A cheia dos rios do Cáucaso acontece no mês de julho. (N.A.)

– Por favor, me diga o que são aquelas luzes – perguntei num sussurro para o tártaro que ia a cavalo a meu lado.

– Você não sabe? – disse ele.

– Não.

– São os montanheses que amarram palha numa vara, tacam fogo e sacodem.

– Mas para que fazem isso?

– Para todo mundo saber que os russos estão aí. Agora, nos *aul*²¹ – acrescentou e riu –, está a maior correria, todo mundo pega seus pertences e vai se esconder num barranco.

– Quer dizer que nas montanhas já sabem que o destacamento está chegando? – perguntei.

– Ora! Como é que não iam saber? Sempre sabem: nosso povo é assim!

– Então Chamil agora está se preparando para o combate? – perguntei.

– *Iok!*²² – respondeu, balançando a cabeça em sinal de negação. – Chamil não vai entrar em combate; Chamil vai mandar os *naib*²³ e ele mesmo vai ficar só olhando, lá de cima, numa luneta.

– E ele mora longe?

– Longe não é, não. Olhe, lá do lado esquerdo, umas dez verstas.

– Como é que você sabe? – perguntei. – Já esteve lá?

– Estive: todos nós já estivemos na montanha.

– E viu Chamil?

– Que nada! A gente nem vê o Chamil. Tem uns cem, trezentos, mil guarda-costas em volta dele. Chamil fica bem no meio! – acrescentou com uma expressão de respeito servil.

Ao olhar para cima, podia-se notar que o céu já havia clareado, começava a se iluminar no oriente, e a constelação das Plêiades baixava no horizonte; porém, no desfiladeiro por onde passávamos, estava escuro e molhado.

De repente, um pouco à nossa frente, no escuro, acenderam-se algumas luzezinhas; no mesmo instante, com um ganido, balas assoviaram e, no meio do silêncio em redor, irromperam ao longe tiros e gritos estridentes e altos. Era um destacamento avançado do inimigo. Os tártaros que o formavam berraram, atiraram a esmo e se dispersaram.

Tudo ficou em silêncio. O general mandou chamar o intérprete. Um tártaro de túnica branca se aproximou e lhe falou demoradamente, em sussurros e com gestos.

21 Aldeia do Cáucaso.

22 “Não”, na língua dos tártaros. (N.A.)

23 Chamavam-se *naib* aqueles a quem Chamil conferia parte de seu governo. (N.A.)

– Coronel Khassánov. Dê ordem para abrir as fileiras – disse o general em voz baixa, arrastada, mas clara.

O destacamento aproximou-se do rio. Os desfiladeiros das montanhas negras ficaram para trás; o dia começava a nascer. O céu do horizonte, onde mal se distinguiam estrelas brancas e mortijas, parecia mais alto; um fulgor começou a brilhar no horizonte; uma brisa fresca e penetrante batia de oeste e uma neblina clara como vapor se erguia sobre o rio rumorejante.

VIII

O guia mostrou o vau no rio, e a vanguarda da cavalaria, logo seguida pelo general e sua comitiva, começou a fazer a travessia. A água batia no peito dos cavalos, rompia com força extraordinária entre pedras brancas, que aqui e ali afloravam na superfície, e formava ruidosas correntes espumantes em torno das pernas dos cavalos. O barulho da água deixava os cavalos assustados, os animais erguiam a cabeça, esticavam as orelhas, mas avançavam com cuidado e a passos medidos contra a corrente, sobre o fundo desnivelado. Os cavaleiros encolhiam as pernas e levantavam as armas. Os soldados da infantaria, só de camisa, erguiam acima da água seus fuzis, nos quais levavam as roupas amarradas com nós, e de mãos dadas em grupos de vinte lutavam contra a correnteza, com visível esforço, a julgar pelo rosto contraído. Com gritos altos, os cocheiros da artilharia ataçavam os cavalos a entrar na água a trote. Os canhões e as caixas verdes de munição, entre as quais de vez em quando a água espirrava, retiniam sobre as pedras do fundo do rio; mas os bons cavalos do mar Negro puxavam os tirantes e os arreios, faziam a água espumar e, com a cauda e a crina molhadas, saíam na outra margem.

Assim que a travessia terminou, o general de repente exprimiu em seu rosto algo de sério e pensativo, virou o cavalo e seguiu a trote, com a cavalaria, pela vasta campina que se abria à nossa frente, rodeada pelo bosque. As fileiras de cavaleiros cossacos se dispersaram ao longo das margens do bosque.

Surgiu no bosque um homem a pé, de túnica circassiana e gorro alto de pelo, mais um, e outro... Um dos oficiais disse: “São os tártaros”. Surgiu uma nuvenzinha de fumaça atrás de uma árvore... um tiro, outro... Nossos tiros constantes começaram a abafar os disparos dos inimigos. Só de vez em quando passava um projétil, com um som vagaroso, semelhante a uma abelha voando, e mostrava que nem todos os tiros eram dos nossos. A infantaria se moveu a passos fugazes, canhões passaram a trote, em fila; ouviram-se disparos sibilantes dos canhões, o som metálico das cargas de metralha, o silvo dos obuses, o matraquear dos fuzis. A cavalaria, a

infantaria e a artilharia se faziam visíveis por todos os lados na vasta campina. As nuvenzinhas dos canhões, dos obuses e dos fuzis se fundiam com a vegetação coberta pelo orvalho e com a neblina. O coronel Khassánov se aproximou do general a galope e deteve o cavalo bruscamente em plena marcha.

– Vossa Excelência! – diz ele, levando a mão ao gorro de pelo. – Ordene o ataque da cavalaria: surgiram sinais – e aponta com o chicote para os cavaleiros tártaros, do meio dos quais vêm dois homens em cavalos brancos, com trapos azuis e vermelhos presos em varas.

– Que Deus nos ajude, Mikhail Mikháilovitch! – diz o general.

O coronel, no mesmo lugar, vira o cavalo, ergue o sabre e grita:

– Hurra!

– Hurra! Hurra! Hurra! – ressoa nas fileiras, e a cavalaria parte atrás do coronel.

Todos olham com curiosidade: surge um sinal, outro, um terceiro, um quarto...

O inimigo, sem esperar os ataques, esconde-se na mata e, de lá, abre fogo com os fuzis. As balas voam com mais frequência.

– *Quel charmant coup d’oeil!*²⁴ – diz o general, dando saltinhos à inglesa em seu cavalo murzelo de pernas finas.

– *Charmant!* – responde o major, pronunciando o r com força, e, batendo no cavalo com o chicote, se aproxima do general: – *C’est un vrrai plaisir que la guerre dans un aussi beau pays*²⁵ – diz ele.

– *Et sourtout en bonne compagnie*²⁶ – acrescenta o general, com um sorriso simpático.

O major inclina a cabeça numa reverência.

Nesse momento, com um assovio veloz e desagradável, uma bala de canhão do inimigo passa voando e se choca em alguma coisa; mais atrás, ouvem-se os gemidos de um ferido. O gemido me atinge de forma tão estranha que, no mesmo instante, o cenário de guerra perde para mim todo o seu encanto; mas ninguém parece notar, a não ser eu: o major ri com grande curiosidade, ao que parece; outro oficial, absolutamente calmo, repete as palavras iniciais de uma frase interrompida; o general olha para o lado oposto e, com um sorriso sereno, fala algo em francês.

– O senhor vai ordenar responder a esses disparos? – pergunta um coronel da artilharia que veio a galope.

24 “Que paisagem encantadora!”.

25 “É um grande prazer fazer a guerra num país tão belo”.

26 “Ainda mais em boa companhia”.

– Sim, dê um susto neles – responde o general com displicência, fumando um charuto.

A bateria se põe em linha e começa o canhoneio. A terra geme com os tiros, clarões chamejam sem cessar e os olhos são toldados pela fumaça, na qual mal se consegue distinguir os soldados da artilharia que operam os canhões.

A aldeia foi bombardeada. De novo se aproxima o coronel Khassánov e, por ordem do general, vai depressa à aldeia. Ressoa de novo o grito de guerra e a cavalaria desaparece na nuvem de poeira que ela mesma levantou.

O espetáculo era de fato grandioso. Para mim, como alguém que não tomava parte na batalha e não estava habituado àquilo, só uma coisa estragava a impressão geral: pareciam-me supérfluos aqueles movimentos, os entusiasmos e os gritos. Sem querer, comparava aquilo a um homem que, brandindo um machado, cortasse pedaços do ar.

IX

A aldeia já estava ocupada pelas nossas tropas e nela não restava nenhum inimigo quando o general se aproximou com sua comitiva, na qual eu me havia infiltrado.

*Sáklia*²⁷ compridas e limpas, com telhados planos de barro e chaminés bonitas, situavam-se em outeiros pedregosos e acidentados, entre os quais corria um pequeno rio. De um lado, iluminados pela clara luz do sol, viam-se pomares verdes com enormes pereiras e ameixeiras; do outro lado, sobressaíam sombras estranhas, altas pedras tumulares do cemitério, na perpendicular, e compridas hastes de madeira com esferas e bandeiras coloridas fixadas na ponta. (Eram os túmulos dos *djíguit*.)²⁸

As tropas se perfilaram nos portões.

Um minuto depois, com evidente alegria, os dragões da cavalaria, os cossacos e os infantess se dispersaram pelas ruazinhas tortuosas, e a aldeia deserta num instante ganhou vida. Num local, tomba um telhado, um machado bate numa árvore robusta e uma porta de tábuas é arrombada; mais além, é incendiado um monte de feno, uma cerca viva, uma *sáklia*, e uma espessa coluna de fumaça se ergue no ar claro. Um cossaco arrasta um saco de farinha e um tapete; um soldado com o rosto alegre retira de uma *sáklia* uma bacia de estanho e um trapo qualquer; outro soldado, com os braços abertos, tenta apanhar duas galinhas que, com cacarejos,

27 Casas dos montanhesees do Cáucaso.

28 Referência aos cavaleiros caucasionos.

tentam fugir por uma cerca; outro acha um enorme *kumgan*²⁹ com leite, bebe um pouco e, com uma grande risada, o arremessa de encontro à terra.

O batalhão com o qual eu havia saído da fortaleza de NN também estava no *aul*. O capitão sentou-se no telhado de uma *sáklia* e soltava do cachimbinho curto jatos de fumaça do tabaco feito em casa, com um ar de tamanha indiferença que, quando o avistei, esqueci que estava num *aul* hostil e pareceu-me estar perfeitamente em casa.

– Ah! O senhor está aqui? – disse, ao me ver. A figura alta do tenente Rozenkrants surgia de relance no *aul*, ora num lugar, ora noutra; dava ordens sem cessar e tinha o aspecto de um homem preocupado ao extremo. Vi como saiu de uma *sáklia* com ar triunfante; atrás dele, dois soldados traziam um velho tártaro amarrado. O velho, cuja única roupa se resumia a um casaco colorido em farrapos e uma calça remendada, estava tão debilitado que os braços ossudos, amarrados com força por trás das costas curvadas, pareciam à beira de saltar-se dos ombros, e os pés descalços e tortos moviam-se com esforço. O rosto e até uma parte da cabeça raspada estavam sulcados por rugas profundas; a boca desdentada e torcida era rodeada por bigodes grisalhos e cortados e pela barba que não parava de se mexer, como se estivesse mastigando alguma coisa; mas os olhos vermelhos e sem pestanas, em que uma chama ainda cintilava, exprimiam com clareza a indiferença da velhice pela vida.

Rozenkrants, por meio do intérprete, perguntou-lhe por que não havia fugido com os outros.

– E para onde eu iria? – respondeu, olhando sereno para o lado.

– Para o mesmo lugar aonde os outros foram – disse alguém.

– Os *djíguit* foram lutar contra os russos, mas eu estou velho.

– E você não tem medo dos russos?

– O que os russos vão fazer comigo? Estou velho – disse de novo, olhando o tempo todo para o círculo de pessoas que se formara em seu redor.

Ao voltar, vi que o velho, sem chapéu, com os braços amarrados, balançando na sela de um cossaco e com a mesma expressão apática, olhava em redor. Ele era necessário para a troca de prisioneiros.

Subi no telhado e me acomodei ao lado do capitão.

– Parece que os inimigos eram poucos – falei, desejando saber sua opinião sobre o combate.

– Inimigos? – repetiu com surpresa. – Mas não havia inimigo nenhum. Por acaso se pode chamar isso de inimigo? Olhe, preste atenção de noite, quando começarmos a nos retirar: vai ver quando começarem a nos seguir. Eles vão aparecer

29 Vaso de barro. (N.A.)

lá! – acrescentou, apontando com o cachimbo para a mata junto à qual havíamos passado pela manhã.

– O que é aquilo? – perguntei, inquieto, interrompendo o capitão e apontando para alguns cossacos do Don que se reuniam perto de nós em torno de alguma coisa.

Entre eles, ouviu-se algo parecido com o choro de uma criança e as palavras:

– Ei, não corte... espere... olhem... Tem uma faca, Evstigniéitch?... Me dê a faca...

– Estão repartindo alguma coisa, os canalhas – disse o capitão com toda a calma.

Mas no mesmo instante, com o rosto assustado, vermelho, o alferes bonito veio correndo da esquina e, abanando os braços, atirou-se na direção dos cossacos.

– Não toquem, não batam nele! – gritou com voz infantil.

Ao verem o oficial, os cossacos recuaram e soltaram um cabrito branco. O jovem alferes, completamente perplexo, balbuciou alguma coisa e, com uma fisionomia confusa, ficou parado na frente do animal. Ao nos ver, a mim e o capitão, sobre o telhado, ruborizou-se mais ainda e, aos pulos, correu em nossa direção.

– Pensei que iam matar uma criança – disse ele, sorrindo com timidez.

x

O general e a cavalaria marchavam na frente. O batalhão com o qual eu havia saído da fortaleza de NN ficou na retaguarda. As companhias do capitão Khlóvov e do tenente Rozenkrants se retiravam juntas.

A previsão do capitão se cumpriu inteiramente: assim que entramos na estreita passagem entre os bosques da qual ele havia falado, montanheses a cavalo e a pé começaram a surgir de relance, de ambos os lados, e tão perto que eu via muito bem como alguns, curvados, com espingarda nas mãos, passavam correndo de uma árvore para outra.

O capitão tirou o chapéu e fez o sinal da cruz, com ar devoto; alguns soldados mais velhos fizeram o mesmo. No bosque, ouviam-se assovios e as palavras: “Iai, infiel! Russo, iai!”. Tiros secos e curtos de espingarda disparavam um atrás do outro, e as balas zuniam de ambos os lados. Os nossos respondiam, em silêncio, com um fogo apressado; nas fileiras, apenas raramente se ouviam comentários do tipo: “Ele³⁰ está atirando de onde? Atrás da mata ele está numa boa posição, a gente precisava de canhões...” etc.

³⁰ Ele é a denominação genérica que os soldados caucasianos empregam para designar os inimigos em geral. (N.A.)

Os canhões foram postos em linha e, depois de alguns disparos de metralha, o inimigo pareceu se enfraquecer, mas depois de um minuto, e um pouco mais a cada novo passo das tropas, os tiros, os gritos e os assovios logo retomaram força.

Assim que nos afastamos umas trezentas *sájeni* do *aul*, as balas de canhão dos inimigos começaram a voar sobre nós com assovios. Vi uma bala de canhão matar um soldado... Mas para que contar em detalhes a cena terrível, quando eu mesmo faria qualquer coisa para esquecê-la?

O próprio tenente Rozenkrants disparava sua espingarda sem parar nem um minuto, gritava para os soldados com voz rouca e, com afinco, galopava de um lado para o outro. Estava um pouco pálido, o que combinava muito bem com seu rosto marcial.

O alferes bonito estava em êxtase; os belos olhos negros brilhavam de coragem, a boca sorria de leve; a todo instante corria para o capitão e pedia permissão de lançar um ataque geral aos gritos de hurra!

– Vamos derrotá-los – dizia com convicção. – Não há dúvida, vamos derrotá-los.

– Não é preciso – respondia o capitão, sucinto. – É necessário recuar.

A companhia do capitão ocupava a margem do bosque e se defendia atirando contra o inimigo. O capitão, com sua sobrecasaca surrada e sua touca desfiada, havia soltado as rédeas de seu cavalo branco, tinha encolhido as pernas nos estribos curtos e se mantinha em silêncio e sem se mexer. (Os soldados sabiam tão bem o que deviam fazer que nem era preciso lhes dar nenhuma ordem.) Apenas raramente o capitão erguia a voz para repreender os que levantavam a cabeça.

A figura do capitão era muito pouco marcial; em compensação, havia nele tanta verdade e simplicidade que me impressionou de maneira extraordinária. “Eis um corajoso de verdade”, não pude deixar de dizer a mim mesmo.

O capitão estava exatamente igual a como eu sempre o via: os mesmos movimentos tranquilos, a mesma voz constante, a mesma expressão sem astúcia no rosto feio, mas simples; apenas no olhar, mais aceso do que o habitual, se podia perceber a atenção de um homem tranquilamente concentrado em seu trabalho. É fácil dizer: igual a sempre. Mas quantos matizes diferentes eu notava nos outros: um queria parecer mais calmo, outro, mais rigoroso, um terceiro, mais alegre do que o habitual; no rosto do capitão se percebia que ele nem sequer compreendia para que parecer outra coisa.

Um francês que disse sobre Waterloo: “*La garde meurt, mais ne se rend pas*”³¹ e outros, em especial heróis franceses, que disseram frases memoráveis eram corajosos e de fato disseram frases memoráveis; mas entre a coragem deles e a cora-

31 “A guarda morre, mas não se rende”.

gem do capitão existe a seguinte diferença: se alguma palavra grandiosa, qualquer que fosse ela, chegasse apenas a palpitar na alma do meu herói, estou convencido de que ele não a pronunciaria: em primeiro lugar porque teria medo de, ao pronunciar a palavra grandiosa, estragar um ato grandioso; em segundo lugar porque, quando um homem sente em si a força de praticar um ato grandioso, nenhuma palavra é necessária, qualquer que seja ela. Na minha opinião, esse é o elevado traço característico da coragem russa; e como, depois disso, não há de doer o coração de um russo quando ouve, entre nossos jovens soldados, frases vulgares em francês que têm a pretensão de imitar o obsoleto cavalheirismo francês?

De repente, do outro lado, onde estava o alferes bonito com seu pelotão, ouviu-se um “hurra” hostil e baixo. Ao me voltar na direção do grito, vi uns trinta soldados que, com fuzil nas mãos e mochila nos ombros, corriam a toda a pressa por um campo lavrado. Avançavam aos tropeções, mas de todo jeito iam adiante e gritavam. À frente deles, abanando o sabre no ar, galopava o jovem alferes.

Todos desapareceram no bosque...

Depois de alguns minutos de assovios e gritaria dentro da mata, saiu de lá um cavalo assustado e, na orla do bosque, surgiram soldados que carregavam os mortos e os feridos; entre estes, estava o jovem alferes. Dois soldados o amparavam pelas axilas. Estava branco como um lenço, e a bela cabeça, na qual se notava apenas uma sombra do entusiasmo belicoso que a inspirava um minuto antes, havia afundado entre os ombros de um jeito terrível e pendia inclinada sobre o peito. Na camisa branca por baixo da sobrecasaca desabotoada, via-se uma pequena mancha sangrenta.

– Ah, que pena! – não pude deixar de exclamar, virando o rosto para não ver a cena triste.

– É uma pena mesmo – disse um velho soldado que, com aspecto triste, de pé a meu lado, se apoiava com os cotovelos no fuzil. – Não tem medo de nada: como é que pode? – acrescentou, olhando com tristeza para o ferido. – Ainda é um tolo, está pagando por isso.

– Mas e você, tem medo? – perguntei.

– Como é que não vou ter medo?

XI

Quatro soldados trouxeram o alferes numa maca; atrás deles, um soldado enfermeiro puxava um cavalo magro, abatido, carregado com duas caixas verdes que continham utensílios médicos. Esperaram o médico. Os oficiais se aproximaram da maca e tentavam animar e consolar o ferido.

– Pois é, irmão Alánin, vai ficar um tempinho sem poder dançar com as colhezezinhas³² – disse com um sorriso o tenente Rozenkrants.

Na certa achou que essas palavras dariam coragem ao alferes bonito; porém, pelo que se podia notar na expressão fria e tristonha de seu olhar, as palavras não produziram o efeito desejado.

O capitão também se aproximou. Olhou com tristeza para o ferido e, no rosto sempre indiferente e frio, exprimiu-se um pesar sincero.

– E agora, meu caro Anatóli Ivánitch? – disse com a voz em que vibrava um sentimento de ternura que eu não esperava dele. – Olhe, é a vontade de Deus.

O ferido ergueu os olhos; seu rosto pálido animou-se com um sorriso triste.

– Pois é, não obedeci ao senhor.

– É melhor dizer: é a vontade de Deus – repetiu o capitão.

O médico chegou, tomou do enfermeiro as ataduras, a sonda e outros apetrechos e, arregaçando as mangas, aproximou-se do ferido com um sorriso animador.

– Ora, pelo visto abriram no senhor uns buraquinhos num lugar que estava fechado – disse ele em tom jocoso. – Mostre onde é.

O alferes obedeceu; mas na expressão com que olhou para o médico alegre havia surpresa e repreensão, as quais o doutor não percebeu. Começou a sondar a ferida e observá-la por todos os lados; o ferido, porém, esgotada a paciência, afastou sua mão com um gemido...

– Deixe-me em paz – disse com voz quase inaudível. – Vou morrer mesmo, de um jeito ou de outro.

Com tais palavras, tombou de costas e, cinco minutos depois, quando me aproximei do grupo em torno dele, perguntei a um soldado: “Como está o alferes?”. Responderam: “Vai ficar bom”.

XII

Já era tarde quando o destacamento, numa larga coluna e cantando, se aproximou da fortaleza.

O sol se escondera atrás de uma serra nevada e lançava os últimos raios rosados na nuvem comprida e fina que restara no horizonte claro e transparente. As montanhas nevadas começavam a se esconder na neblina lilás; só sua linha superior aparecia com uma clareza extraordinária na luz escarlate do pôr do sol. Fazia

32 Dança popular tradicional na Rússia e em países da Ásia Central.

tempo que a lua transparente havia subido e começava a branquejar contra o fundo azul-escuro. O verde do capim e das árvores negrejava e se cobria de orvalho. As massas escuras das tropas rumorejavam ritmadamente e moviam-se pelo prado viçoso; ouviam-se de vários lados tambores, pandeiros e canções alegres. O cantor que fazia a segunda voz na sexta companhia cantava a plenos pulmões e, cheios de sentimento e de força, os sons de sua voz de tenor, limpa e peitoral, difundiam-se pelo ar transparente da noite.

Publicado em 1853 na revista Sovriemiénik (O Contemporâneo). Baseia-se num fato real, ocorrido no verão de 1851, do qual Tolstói tomou parte.

MEMÓRIAS DE UM MARCADOR DE PONTOS DE BILHAR

Pois foi às três horas que aconteceu. Jogavam uns senhores: o convidado grande (assim o chamávamos), o príncipe (anda sempre junto com ele), e também um senhor bigodudo e um pequeno hussardo, Oliver, que andava com os atores, e também um Pan.¹ Pessoas decentes.

O convidado grande jogava com o príncipe. Eu passava para lá e para cá em torno da mesa de bilhar com o quadro de contar pontos e contava: nove e quarenta e oito, doze e quarenta e oito. Todo mundo conhece nosso trabalho de marcador de pontos: a gente não tem chance de comer nada e só vai dormir lá pelas duas da madrugada, e ainda vivem chamando a gente para trazer as bolas. Conto os pontos e aí vejo: um senhor novo entrou pela porta, deu uma olhada em volta e sentou num sofazinho. Muito bem.

“Quem será esse daí? De onde será que veio?”, penso.

Está com roupa limpa, a roupa toda novinha em folha: calça de tricô xadrez, casaco da moda, colete curto de veludo, uma correntinha de ouro da qual pende uma porção de penduricalhos.

Está com roupa limpa, mas há nele algo ainda mais limpo: o cabelo fino e alto, enrolado para a frente, bem na moda, e o rosto branco e rosado... bem, numa palavra, um rapaz bem-apeçoado.

Sabe-se que nosso trabalho nos põe em contato com todo tipo de gente: tem uns que não são importantes e muitos que são lixo, e assim, mesmo sendo só um marcador de pontos, a gente aprende a se adaptar às pessoas, quer dizer, acaba entendendo um pouco de política.

Observo o jovem senhor – vejo que ele fica calado, não conhece ninguém e sua roupa é bem novinha; penso comigo: ou é um estrangeiro, um inglês, quem sabe, ou é um desses condes que acabaram de chegar. E, apesar de jovem, tem um ar importante. Oliver sentou perto e ele até se afastou um pouco.

A partida terminou. O homem grande perdeu, grita para mim:

– Você aí – diz –, você só faz mentir: não conta direito, fica olhando para os lados.

Pragueja, joga o taco de qualquer jeito e sai. Agora, veja só que coisa! Noites seguidas, ele e o príncipe jogam partidas a cinquenta rublos e agora ele perdeu só uma garrafa de vinho de Macon e ficou enfurecido. Que figura! Numa outra vez, jogou com o príncipe até as duas da madrugada, não puseram nenhum dinheiro

¹ Senhor da nobreza, na Polônia.